

O Pequeno Caçador

UM JOVEM É O ÚNICO SOBREVIVENTE DE UM TERRÍVEL ACIDENTE AUTOMOBILÍSTICO, O QUAL PASSA POR UMA INCRÍVEL REVIRAVOLTA EM SUA VIDA, NUMA AVENTURA SOBRENATURAL VIVENCIADA NAS RUAS DE SÃO PAULO E MINAS GERAIS.



Distribua sem Moderação!

ADEMIR PASCALE

O PEQUENO CAÇADOR

ADEMIR PASCALE

O e-book que você está lendo é usado num projeto de inclusão digital e social sob autorização do autor e é livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:

Nome do autor: Ademir Pascale

e-mail: ademir@cranik.com

O PEQUENO CAÇADOR

Ademir Pascale

Cascas de bananas e de melancias. Restos de maçãs. Bagaços de laranjas. Legumes batidos e verduras apodrecidas. Caixotes e caixas de papelão para todos os lados. Cabeças e restos de peixes... Pedro, um garoto órfão de doze anos, caminhava cabisbaixo na rua da feira que acabara havia mais de duas horas. Logo o caminhão de lixo passaria lavando a rua e recolhendo os restos jogados e esquecidos pelos feirantes e consumidores. Mas, antes disso acontecer, um grupo de pessoas — crianças e adultos — selecionava alguns restos de alimentos que ainda poderiam consumir. Nosso pequeno herói, com as mãos nos bolsos e uma volumosa mochila com estampa do Hulk nas costas, caminhava chutando o vento, e, vez ou outra, girava os olhos atentamente para os lados para ver o que acontecia: crianças agachadas e com sacolas de plástico recolhiam o que outras pessoas achavam inconsumível. Alguns adultos, já com suas sacolas cheias, aguardavam sorridentes e com seus dentes apodrecidos os pequeninos. Uma senhora gestante, de cabelos desgrenhados, descalça, com uma sacola na mão e com um bebê apoiado no quadril, gritava:

— Gumercindo, diacho, anda logo com essas coisa, moleque da peste. Tenho que i logo pra casa fazê a sopa do seu pai! — Mas o pequeno, de nome Gumercindo, não dava atenção à sua mãe e apenas gargalhava tentando se esconder embaixo de alguns caixotes.

Pedro deu um leve sorriso ao ver a cena, mas logo ficou sério e continuou o seu trajeto, esquivando-se do lixo e pronto para a sua próxima missão: caçar um lobisomem que estava assolando Ponto Chic, com aproximadamente 4500 habitantes, no estado de Minas Gerais.

Ele colocou os fones nos ouvidos, pressionou o Play do seu Tablet e começou a ouvir *I Saw You Saying (That You Say That You Saw)*, dos Raimundos.

E, antes de entrar numa lotação e ir até o Terminal Rodoviário Tietê, no bairro de Santana, Zona Norte de São Paulo, e de lá rumar

para a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, e pegar outro ônibus para ir até Ponto Chic, o seu destino, parou numa barraquinha, tomou refrigerante e comeu tapioca recheada com mussarela e carne-seca desfiada, pois precisava ficar bem abastecido para a longa jornada.

Pedro, aos nove anos, tornara-se independente da noite para o dia, quando, numa viagem para o estado da Bahia, perdera os pais num acidente de carro. O garoto saiu ileso das ferragens, sem um único arranhão. Para os policiais, ele explicou que fora ajudado por Bento, um garoto negro de aproximadamente quatorze anos e que, antes de se despedirem, já longe do carro que ardia em chamas, disse que poderia chamá-lo de Negrinho do Pastoreio. Todos ficaram atônitos com a história de Pedro. A notícia se espalhou pela cidade. Alguns céticos acharam que o garoto estava louco. Algumas beatas ajoelharam e rezaram fervorosamente. Pedro só foi entender o que acontecia quando um senhor de aproximadamente setenta anos contou-lhe uma história: Há muito tempo atrás, no Rio Grande do Sul, na época da escravidão, havia um senhor malvado dono de muitas terras chamado Antônio, que possuía alguns peões e escravos, entre eles um menino de quatorze anos de nome Bento. Este senhor ordenou ao garoto que fosse pastorear alguns potros e cavalos que ele acabara de comprar. Mas, infelizmente, após algumas horas, Bento perdeu de vista um cavalo baio. O patrão, furioso com a perda, chicoteou o garoto até sangrar, e depois da surra, mandou o menino procurar novamente o cavalo. Desesperado, Bento saiu à procura do animal, mas em vão. Retornou triste para a fazenda do malvado proprietário, que ainda mais irritado por ter a plena certeza que não teria mais o cavalo, espancou novamente o pobre e indefeso garoto. Depois o amarrou e o deixou sobre um formigueiro. Mas, no dia seguinte, quando Antônio foi verificar o estado do menino, achando que ele já estaria morto, surpreendeu-se ao ver que ele estava de pé, sem as cordas e sem uma única marca ou ferimento. Em seguida, Bento subiu no baio que estava sumido e cavalgou até desaparecer. Depois daquele dia, Antônio não maltratou mais os seus escravos e, sempre que podia, acendia uma vela no local onde o garoto foi visto pela última vez. A notícia se espalhou, e todas as pessoas dos arredores pediam proteção ao garoto Bento, que ganhara o apelido

de Negrinho do Pastoreio, passando a ser considerado como um protetor das pessoas que tenham perdido algo. Bento já foi visto por várias pessoas em diversas regiões do Brasil.

Com a perda dos pais, Pedro acabara ficando sob a guarda do seu tio Camilo, um rapaz de vinte e cinco anos que também cuida da herança da família, mas que se interessa mais pelas agitadas noites paulistanas do pelo sobrinho órfão. Mas pelo menos, dinheiro para o garoto não é problema.

Pedro aprendeu forçadamente a cuidar de si mesmo. E, depois de saber que foi salvo do acidente de carro num evento sobrenatural pelo Negrinho do Pastoreio, começou a pesquisar e se aventurar em busca de mais explicações pelo desconhecido.

Já na cidade de Ponto Chic, acomodou-se na casa de alguns amigos dos seus pais. Banhou-se e depois jantou farofa de tatu com queijo, arroz e feijão com bastante coentro. Mas a conversa que tiveram depois do jantar em torno da fogueira que fizeram no quintal, não foi nada agradável:

— O lobisomem está à solta. Semana passada ele matou a Baleia, uma cadela brava do vizinho — disse dona Zurita, uma senhora de cinquenta e dois anos, amiga da família de Pedro.

— Tem gente falando que bala de prata adianta. O problema é que os pobres não possuem prata aqui na vila, e os ricos que tem, são sovinas demais para derreterem o metal e usarem como munição — vociferou Renato, esposo da dona Zurita.

— Eu tenho algumas ideias e uma rede bem resistente na mochila — disse Pedro, enquanto cutucava com um espeto a lenha na fogueira.

Dona Zurita, Renato e seus cinco filhos, incluindo Zélia, uma garota de treze anos, ficaram em silêncio enquanto entreolhavam-se e ouviam o garoto, para depois de uma grande pausa, caírem na gargalhada.

— O que está acontecendo? Vocês não acreditam em mim,

não é verdade? Eu nunca cacei lobisomens, mas já peguei dois curupiras no Maranhão e um saci na Bahia — disse o garoto inflando o peito e fazendo cara de mau.

As pessoas em torno da fogueira se calaram, pois já conheciam a reputação do garoto após a morte dos pais, e já tinham ouvido falar de algumas de suas aventuras, como da captura já citada dos curupiras e do saci, assim como o rápido envolvimento que ele teve com uma linda Iara do Rio Amazonas, uma terrível sereia de quem conseguiu escapar antes que ela o enfeitiçasse por completo e o levasse para as trevas do fundo do rio. Mas lobisomem? Eles duvidavam que Pedro conseguisse capturá-lo, algo que nem os quatro policiais da cidade haviam conseguido, nem a corajosa cadela Baleia, que morreu tentando.

— Tentar capturar o lobisomem, ainda mais sozinho, é loucura, Pedro. Por que você não faz outra coisa como os garotos da sua idade fazem, como jogar bola e videogame ou assistir aos episódios do Ben 10? — disse Zélia em tom de deboche.

Zélia é uma garota autoritária, um ano mais velha que Pedro, mas é mais alta que as garotas da sua idade, além de ser robusta, aparentando ter quinze ou dezesseis anos. O seu olhar é sério e penetrante, o que faz Pedro perder a coragem de encará-la. Mesmo assim, ele continua a sua brincadeira com o espeto cutucando as brasas da fogueira, enquanto pronuncia palavras certas:

— Acontece que eu não sou como os outros garotos da minha idade, ou pelo menos como a maioria deles. Estou praticamente sozinho desde os nove anos, quando os meus pais faleceram. Desde então, passei a ter um estímulo pelo sobrenatural, depois de ter sido salvo do acidente de carro pelo Bento, o Negrinho do Pastoreio.

Mais uma vez, todos em torno da fogueira se calam, principalmente ao notarem que os olhos do menino brilharam ao recordar-se dos pais. Mas algo assustador quebra o silêncio da noite, um uivo macabro, daqueles que parecem ter saído de um filme de terror.

Todos se recolheram rapidamente. Pedro, em marcha lenta, foi o último a entrar na casa. Ele queria ver o lobisomem. Mas dona Zurita o puxou para dentro. Seu Renato girou a chave na fechadu-

ra e passou as duas trancas na porta, depois encostou uma cadeira abaixo da maçaneta, tornando-a imóvel. Fecharam todas as janelas e deixaram apenas uma vela acesa na sala. A espingarda carregada ficou em cima da mesa, mas todos sabiam que bala de chumbo não faria efeito algum no lobisomem. Deixaram a arma à vista apenas para se sentirem seguros. Apenas isso...

Trinta minutos depois, Zélia trouxe biscoitos salgados e uma bandeja com algumas xícaras com chá de camomila. Não demorou para um deles erguer os braços se espreguiçando. Logo, um a um foi para os seus aposentos. Pedro disse que continuaria na sala e dormiria no sofá. Zélia deu boa noite, como se estivesse se desculpando do que dissera em torno da fogueira, depois sorriu, como se debochasse do garoto sem dizer palavra. Ele deu de ombros para a situação.

Todos foram dormir. Menos *ele*.

Depois de quase uma hora, Pedro foi nas pontas dos pés até o corredor que dá acesso a todos os quartos. Ouviu apenas o Cristiano, o filho mais novo de dona Zurita e seu Renato, balbuciando palavras desconexas. Mas isso não era problema, pois ele era sonâmbulo. Então retornou para a sala. Calçou os sapatos e colocou o seu boné preto com a estampa da NASA. E, antes de colocar a mochila nas costas, tirou a sua lanterna e a colocou no bolso da calça. Viu o cachimbo do seu Renato ainda com tabaco sobre a mesa e o guardou no bolso da camisa. Tirou a cadeira que estava imobilizando a fechadura. Pegou a chave e destrancou cautelosamente a porta, depois saiu e a trancou novamente, desta vez pelo lado de fora.

Estava pronto para caçar o lobisomem.

Distanciou-se alguns metros da casa. Passou pela fogueira que ainda permanecia com algumas brasas acesas. Depois ligou a sua lanterna, apontando-a para o chão. Pedro não queria, pelo menos naquele momento, chamar a atenção do lobisomem. Mas nada dele, nem um sinal. Então o garoto continuou caminhando até chegar próximo ao Rio São Francisco, chamado antigamente de Opará pelos índios, ou simplesmente de Velho Chico, pelos habitantes mais velhos da região.

Pedro procurou por pegadas, mas encontrou apenas algumas de sapatos e outras de animais pequenos, como cães e aves, além de marcas de pneu de bicicleta. O desânimo já estava prevalecendo sobre o aventureiro garoto. Até que o uivo aterrador novamente se fez presente, injetando óleo em suas engrenagens. Era certamente do lobisomem.

E mesmo não conseguindo enxergar a besta com a sua lanterna de baixa potência, Pedro sabia que o som estava vindo do outro lado do rio. E felizmente, próximo a ele, havia uma canoa, não muito nova, feita de tronco de Peroba, provavelmente de algum pescador da cidade. Por sorte o remo também estava lá. E sem pensar duas vezes, ele empurrou a pequena embarcação para o rio e embarcou nela. Inicialmente, houve um certo desconforto por ter molhado os seus tênis e meias, mas depois acabou se acostumando. A ânsia em chegar logo do outro lado da margem era grande.

O lobisomem deu outro uivo, mas desta vez o som estava mais distante. Parecia que ele estava se movendo constantemente, mas não estava tão mais próximo do rio.

Pedro deu uma pausa, pois sentiu um leve tremor na canoa, que depois se intensificou drasticamente. Ele jogou rapidamente o remo para dentro da embarcação, pois de maneira alguma poderia perdê-lo. E segurou-se de maneira precária. A lanterna acesa jogada no chão rolava de um lado para o outro. O seu coração estava em ritmo frenético, e arrepiou-se por completo quando viu que um homem cor de bronze, careca e musculoso, subiu de forma surpreendente na canoa. Os seus olhos vermelhos e estáticos estavam fixos no garoto.

Era um Caboclo d'água, protetor do Rio São Francisco. Pedro sabia que se não desse fumo para esse ser, ele viraria a canoa sem piedade. Mas como era precavido e já imaginara que isso poderia acontecer, retirou do bolso o cachimbo que pegara do seu Renato e deu para o homem à sua frente.

O Caboclo olhou desconfiado para Pedro. Mas não hesitou em pegar o cachimbo ainda com fumo no recipiente. Ele cheirou o artefato e sorriu. Logo em seguida, satisfeito com o presente que

acabara de ganhar, mergulhou no rio e empurrou a embarcação velozmente até a outra margem, depois sumiu nas profundezas da água.

Pedro chegou mais rápido do que imaginara. Puxou a canoa para a beira do rio. Pegou seus apetrechos e saiu em busca do lobisomem.

Era quase uma hora da manhã. E com sua lanterna, procurou por pegadas. Havia muitas delas, e todas eram do ser demoníaco que procurava.

Por instinto, seguiu as pegadas que iam para a direita, e após uns dez minutos de caminhada, embrenhando-se na mata, ouviu um grunhido. Ele desligou a lanterna e se agachou, e pode finalmente ver a criatura a farejá-lo.

Com certeza, o lobisomem já sabia que ele estava ali.

Rapidamente, Pedro subiu numa árvore de nome Baru e atirou o seu boné no chão, apoiou-se num galho frágil e abriu a mochila, retirando logo em seguida a sua rede. Tudo estava pronto.

Ele aguardou pacientemente a chegada da fera, assim como os grandes caçadores fazem.

O lobisomem farejou o cheiro de Pedro, chegando até o boné, embaixo do Baru. Ele olhou para cima e viu o garoto. Escancarou a sua bocarra e mostrou as suas terríveis garras. Pedro atirou a rede sobre a besta, que se contorceu furiosamente. O seu uivo lamentoso poderia deixar até o mais corajoso dos homens com medo. E, antes do galho se quebrar, o nosso herói saltou, caindo com força sobre a cabeça da criatura, que desfaleceu.

Com uma corda que trouxe na mochila, amarrou os poderosos pulsos da besta, seu focinho e as pernas na altura dos tornozelos. Pegou o boné no chão e o ajeitou na cabeça. Colocou a mochila nas costas e tentou arrastar o lobisomem dali, mas não conseguiu. O monstro deveria pesar mais de cento e vinte quilos. Um peso muito além das forças de Pedro.

Desesperado e sem saber o que fazer, ele rezou, pois se a

criatura acordasse, provavelmente voltaria ainda mais raivosa e se livraria das amarras e da rede facilmente.

Estranhamente, Pedro ouviu o som de galopes. Alguém se aproximava deles. E, aos poucos, com sua lanterna, pode ver que era um garoto negro montado num cavalo baio.

Era Bento, o Negrinho do Pastoreio. O mesmo garoto que o salvara do acidente de carro quando tinha nove anos. O mesmo garoto que teve a sua história contada e recontada em torno das fogueiras pelos mais idosos. Ele estava ali, diante de Pedro.

Bento olhou para o garoto e sorriu, mostrando seus dentes brancos e lustrosos, depois saltou do cavalo. Agarrou as pontas da rede onde estava a fera e com força hercúlea o arrastou até a canoa na beira do rio, jogando-o lá dentro.

E antes dele partir, Pedro disse:

— Sei que o seu nome é Bento. Sei, em partes, quem você é. Conheço um pouco da sua história e do que você passou nas mãos daquele malvado senhor. Lamento muito por tudo o que lhe aconteceu.

— Agora eu estou bem, Pedro. Vivo em constantes aventuras com este cavalo baio. Mas antes de nos despedirmos, tenho um recado para você.

Pedro estava feliz por não estar sozinho na mata com o lobisomem, mas ficou confuso, depois curioso em saber qual seria esse recado.

— Este recado é dos seus pais. Eles disseram que estão bem e felizes onde estão, que sentem saudades e que sempre estarão intercedendo por você, protegendo-o destas terríveis criaturas.

Pedro, com os braços soltos e o coração apertado, deixa escapar uma lágrima. Bento coloca a mão em seu ombro, e isso proporciona ainda mais força para ele continuar a sua jornada em busca do desconhecido.

E antes de partir, Bento arrasta a pequena embarcação para o rio. Pedro vê o momento em que o garoto sobe em seu cavalo, para

depois sumir se embrenhando na mata. O Caboclo d'água, vendo a cena, mergulha por baixo da canoa, e, ao invés de virá-la, com a força e a velocidade de um motor de lancha, a empurra velozmente até a outra margem do rio. Naquele momento, Pedro entende que o sobrenatural também pode ser benéfico e a favor do homem.

Já eram quase cinco horas da manhã. E do outro lado da margem, o garoto salta eufórico da canoa, deixando para trás o lobisomem amarrado e ainda desacordado. Pedro corre como um louco até a casa dos seus amigos, abre a porta e faz um tremendo alvoroço.

Seu Renato, ainda de pijama, corre até a sala. E a primeira coisa que ele faz, é pegar a espingarda sobre a mesa. Dona Zurita, ainda sonolenta, balbucia nomes de alguns santos. Zélia, bufando, coloca as mãos na cintura, enquanto os seus irmãos vão chegando, um a um:

— Esse garoto não tem o que fazer? Tem que acordar todo mundo com essa algazarra toda? — desabafa Zélia, enquanto semicerra os olhos.

— Calma, pessoal, vamos ouvir o que o Pedro tem a nos dizer — diz seu Renato tentando mostrar calma, e ao mesmo tempo verificando a munição da sua espingarda.

— Eu peguei o lobisomem — Pedro pronuncia tão rápido, que as palavras pareceram sair automaticamente da sua boca.

— Quê? Eu disse que esse garoto ficou louco depois do acidente de carro — mais uma vez Zélia tenta irritar Pedro.

— Se vocês não acreditam, basta me seguirem até a canoa lá na beira do Rio São Francisco.

Dona Zurita deu de ombros, mas seguiu a turma, arrastando preguiçosamente os chinelos. As crianças ficaram afoitas. Seu Renato foi atrás com a espingarda e Zélia os acompanhou apenas para zombar de Pedro, depois que todos vissem, pelo menos em seu pensamento, que tudo não se passava de uma invenção.

Quando todos estavam próximos da canoa, Pedro deu um

largo sorriso, virou para as pessoas que o seguiam e fez um pequeno pronunciamento:

— Sei que muitos de vocês não acreditam em mim, mas saibam que não tenho motivos para mentir. A verdade está bem ali, dentro da canoa, basta irem até lá e olharem dentro. Mas peço, por gentileza, que seu Renato vá primeiro com a espingarda, pois pode ser perigoso.

Todos se entreolharam. Zélia fez careta. As crianças incentivaram o pai. Dona Zurita cruzou os braços. Pedro fez pose de herói. Seu Renato caminhou até a canoa, parou, puxou a calça do pijama para cima, olhou dentro da embarcação e, assustado, arregalou os olhos, e disse:

— Minha Nossa Senhora Aparecida. Mãe de Deus. Jesus do céu... — seu Renato larga a espingarda e põem as mãos na cabeça, enquanto a calça do pijama escorrega até abaixo da cueca branca com bolinhas vermelhas.

Dona Zurita, Zélia e as crianças ficam curiosas em ver o conteúdo da canoa.

Todos ficam ao redor de seu Renato. Dona Zurita, antes de olhar o que tinha lá dentro, puxa a calça do pijama do marido para cima. Zélia abre a boca. As crianças arregalam os olhos. Pedro não entende a situação, afinal, pegou o lobisomem.

Mas ele não contava com algo muito simples: já era manhã e o sol já estava despontando.

Quem estava dentro da embarcação era seu Raimundo, empregado de seu Renato e dona Zurita. E ainda estava nu. Amarrado e completamente nu.

— Você ficou louco, Pedro? Amarrar o Raimundo dessa maneira? Isso é motivo de tratar um homem só porque ele bebe? — vociferou seu Renato.

— Desta vez você foi longe demais, Pedro. Sinceramente, gosto muito de você, mas não dá mais para aturar suas mentiras — dona Zurita apresenta tristeza no olhar.

— Eu não disse que esse garoto era uma farsa? — diz Zélia com desdém, enquanto abraça as crianças tentando consolá-las.

— Então o seu Raimundo é a besta. Quando o peguei do outro lado da margem, ele ainda era um lobisomem, por favor, acreditem em... — Dona Zurita encerra o assunto com um basta, enquanto seu Renato desamarra o empregado pedindo desculpas, pois ele já estava acordado.

Pedro sai marchando e se distanciando rapidamente daquelas pessoas, enquanto ouvia Zélia falando sem parar.

Pedro saiu sem olhar para trás. E enquanto caminhava, pensava sobre os últimos acontecimentos: *Eles que convivam com isso. Um dia descobrirão que o seu Raimundo é o lobisomem, só espero que não seja tarde demais.*

Uma nova mensagem chega em seu Tablet. Alguém precisa de ajuda em Alagoas. Uma terrível Cuca — bruxa em forma de jacaré — está à solta caçando crianças. E com o olhar sério, ele ajeita a mochila nas costas. Olha as horas no relógio. Sorri e caminha sentido rodoviária.

Sim, embora não tenha tido tanta sorte em sua última caçada, esta é a sua vida, cheia de aventuras e povoada de seres inimagináveis. Um dia ele pegará outro lobisomem, e quem sabe não seja o próprio seu Raimundo, empregado de seu Renato e dona Zurita.

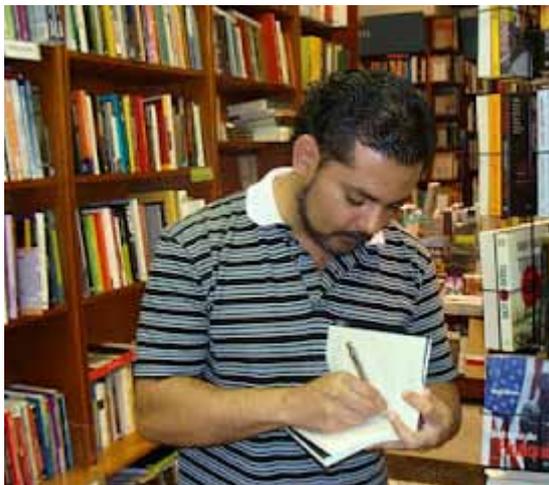
FIM

SOBRE O AUTOR

ADEMIR PASCALE é paulista, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de Hector Alves Pascale. Além de venerar quadrinhos, é crítico de cinema e ativista cultural. Tem um poodle marrom de dezesseis anos. Adora pizza, séries televisivas e finais de semana com a família. Já organizou mais de 10 antologias e publicou 2 romances, sendo eles “O Desejo de Lilith” (Draco, 2010) e “Encruzilhada” (Literata, 2011).

Blog: www.odesejodelilith.blogspot.com.

E-mail: ademir@cranik.com.



OUTROS TÍTULOS

Conheça os outros contos que fazem parte deste projeto de inclusão digital e social.

O MASSACRE DE ENCÉLADO

Daniel Borba

Uma guerra interplanetária leva um grupo de soldados a Encélado, uma pequena lua do planeta Saturno. Encélado é um lugar diferente, um mundo com o qual o ser humano não está acostumado. Em sua luta pela sobrevivência, os soldados encontrarão uma natureza bela e deslumbrante. Mas lá também há medo e destruição. Numa emocionante batalha, eles viverão as piores experiências de suas vidas, em busca da última chance para salvar a humanidade de um fim trágico.

ALÉM DA EXPERIÊNCIA FILADÉLFIA

Marcelo Bighetti

Em 1943 a marinha Norte Americana realizou experimentos secretos com um de seus navios, pondo à prova as teorias de Einstein através dos inventos de Tesla. Só que algo deu errado. Além de tornar-se invisível, o navio foi transportado para outro lugar, e seus tripulantes passaram por experiências aterradoras, visitando terras fantásticas em tempos incertos.

A ROTA DAS AREIAS DA MORTE

Georgette Silen

Uma princesa guerreira. Kira, A Princesa de Hisipan, terra de fabulosas mulheres guerreiras, parte em uma jornada heroica por reinos distantes, uma viagem repleta de batalhas espetaculares, criaturas fantásticas, monstros saídos das histórias de horror, feitiçeiros e muita magia. É leitura obrigatória para os fãs de Conan, o Bárbaro, e Elric, o Guerreiro Albino.

Livre para ser distribuído gratuitamente, desde que citada a fonte:

Nome do autor: Ademir Pascale

e-mail: ademir@cranik.com



Distribua sem Moderação!